

Experiência de Quase-Morte: A Viagem da Transformação

O desenvolvimento desse trabalho consistirá de um embasamento teórico que entrelaçará os conhecimentos da Filosofia através do Mito de Er e os pensamentos de Carl G. Jung acerca da imortalidade da alma, sendo o foco principal a *experiência de quase-morte (EQM)*. Paralelamente, a este estudo, serão inseridas as contribuições do filme Linha Mortal em virtude de seu personagem principal vivenciar plenamente os estágios da EQM, envolvendo desde sua primeira experiência induzida até as conseqüências oriundas desta escolha.

De início, convido o leitor a refletir nos acontecimentos que Jung vivenciou em sua experiência de quase-morte relatada em sua carta à psiquiatra e psicóloga analítica Kristine Mann, em decorrência de um enfarte ocorrido em 1944. Registra suas impressões quando diz:

“Considerando-se em geral, minha doença foi uma experiência muito válida; ela me deu a oportunidade inestimável de olhar por trás do véu. A única dificuldade é livrar-se do corpo, ficar nu e vazio do mundo e da vontade do eu. Quando se pode desistir da louca vontade de viver e quando se cai aparentemente num nevoeiro sem fundo, então começa a vida verdadeiramente *real* com tudo o que foi intencionado e nunca alcançado. É algo inefavelmente grandioso. Eu estava livre, completamente livre e inteiro, como nunca me havia sentido antes. Eu me sentia a 15.000 quilômetros da terra e a via como imenso globo brilhando numa luz azul, indizivelmente bela.”
(Jung: Carta 01.02.1945).

Aliado ao sentimento de plenitude alcançado através de sua viagem anímica, Jung pondera sobre as representações do morrer e do viver, numa dimensão que sugere transcender os liames do corpo bem como da consciência. Desta forma, instiga a pensar na experiência de quase-morte como elementos germinativos do processo de transformação subjetiva, além

dos desígnios de preexistência da alma.

“Vista de fora e enquanto estivermos do lado de fora, a morte é a coisa mais terrível. Mas, uma vez dentro, experimenta-se um sentimento tão forte de totalidade, paz e realização que não se deseja voltar. Realmente, durante o primeiro mês após a primeira visão, sofri de negras depressões porque sentia que estava me recuperando. Era como se estivesse morrendo. Eu não queria viver e retornar a esta vida fragmentária, restrita, estreita e quase mecânica, onde se estava sujeito às leis da gravidade e coesão, preso num sistema tridimensional, turbilhonado com outros corpos na torrente impetuosa do tempo. Lá havia plenitude, significando satisfação, movimento eterno (não movimento do tempo).” (id. *ibid*: 363).

Com base nestes depoimentos e objetivando uma compreensão mais condizente com a realidade da experiência já mencionada anteriormente, *Linha Mortal* (1990) é um filme baseado em depoimentos de amigos de seu diretor, Joel Schumacher, que retratavam as próprias experiências que passaram ao ficar perto da morte na mesa de cirurgia. Seu elenco é composto pelo personagem principal, Nelson (Kiefer Sutherland), um ambicioso e carismático estudante de Medicina que convence seus colegas de classe Rachel (Julia Roberts), Dave (Kevin Bacon), Joe (William Baldwin) e Stickle (Oliver Platt) a tomarem parte de uma perigosa experiência.

Para ver se há vida após a morte, eles irão “desligar” seus próprios corpos: temporariamente sem vida, suas vidas cardíacas e cerebrais experimentarão uma breve morte clínica. É através desta viagem rumo ao desconhecido, que a verdadeira essência do ser eclode, transformando significativamente os rumos de suas próprias vidas.

Os Caminhos Enigmáticos da Vida após a Morte: Um Encontro entre Filosofia e a Psicologia Analítica.

A experiência de quase-morte (EQM) de Jung, registrada em sua

autobiografia, revela as atuais reflexões acerca da continuidade da vida depois da morte. Se voltarmos no tempo, a época de Sócrates e Platão, onde as tradições orais se faziam prevalecer para a aquisição do conhecimento, será constatado que estes questionamentos acerca da representação da morte e do morrer já exerciam seu aspecto numinoso, perfeitamente adaptado à realidade atual. Na Psicologia Analítica, a narrativa mítica adquire sua importância na medida em que é capaz, através dos conteúdos simbólicos e arquetípicos, de representar os aspectos herdados do inconsciente coletivo. Neste caso, verifica-se nas narrativas de Platão, através do Mito de Er, o discurso dialético acerca da imortalidade da alma através da experiência de quase-morte(EQM).

Segundo este filósofo, após uma batalha, o corpo de Er fora encontrado intacto entre vários cadáveres putrefatos e, pensando que estava morto, foi levado para que se realizasse a cerimônia fúnebre. Porém, quando jazia sobre a pira funerária, Er retomou sua consciência física e narrou sua experiência de quase-morte(EQM). Relata sua saída do corpo e o seu encaminhamento juntamente com outras almas até “chegar a um lugar divino”, onde os juízes pronunciavam a sentença de cada um. Quando chegou a sua vez, foi informado de que fora escolhido para ser o mensageiro que levaria aos homens tudo o que se passava do outro lado da vida. (Platão, 2005:281).

Os relatos desta viagem anímica consistem na existência do ser destituído de um corpo físico, na atemporalidade representada pela unificação presente-passado-futuro; personificadas pelas filhas da Necessidade, Láquesis, Cloto e Átropos, respectivamente, na reavaliação da alma frente às responsabilidades e escolhas perante a própria vida. Sob a perspectiva analítica, esta fusão do tempo sugere implicar na destituição dos estreitos limites da consciência e disponibiliza ao inconsciente a dimensão real de suas potencialidades através da continuidade de seu ser.

Fundamentados nesta aproximação de saberes através dos ensinamentos de Platão e de Jung, juntamente com a busca da compreensão dos diversos movimentos psíquicos do personagem principal diante de sua vivência de experiência quase-morte (EQM), serão analisados momentos distintos do filme. Como ponto de partida cenográfico, o foco do estudo

consistirá das visões de Nelson aliadas às necessidades emergenciais de seu despertar, bem como o retorno e sua redenção, como possíveis caminhos de integração na busca do si-mesmo. Paralelamente, articulados a estes temas, imprescindível a inclusão de recentes descobertas oriundas de pesquisas científicas, acerca desse enigma que é a existência de vida após a morte.

O Despertar da Sombra

As cenas iniciais retratam a primeira experiência de Nelson, em uma indução quase-morte. Ciente dos recursos instrumentais necessários, bem como do compêndio médico para realização de tal proeza, o personagem demonstra uma determinação diferenciada dos demais integrantes do grupo para concretizar tal experiência. Acerca da personalidade de Nelson, Jung esclarece que esta vem a ser:

“A realização máxima da índole inata e específica do ser vivo em particular, é a obra a que se chega pela máxima coragem de viver, pela afirmação absoluta do ser individual, e pela adaptação, a mais perfeita possível, a tudo que existe de universal, e tudo isto aliado à máxima liberdade de decisão própria.” (JUNG, O.C. vol. XVII § 289).

Esse diferencial de personalidade se evidencia na medida em que durante os procedimentos para o desligamento de seu corpo, e conseqüentemente a ocorrência do mesmo, o grupo manifesta uma conduta semelhante àquilo que Jung intitula de convenções. De acordo com o pensamento junguiano, convenções são a tentativa da escolha de outros caminhos que se distanciam da personalidade, ou seja, trata-se de uma necessidade coletiva que assegura ao indivíduo a inconsciência do si mesmo.

Constatada a morte cerebral de Nelson, imagens se apresentam na psique do personagem como um retorno aos tempos de infância, o passado ou sob a perspectiva mitológica; Láquesis, resgatando em sua consciência um fato traumático demarcado por uma presença de um outro menino (Billy). Findo o

tempo da experiência, bem como o retorno bem sucedido sem seqüelas de natureza orgânica, fica o registro do herói que foi capaz de seguir sua voz interior em detrimento da influência do grupo. Jung revela que:

“O grupo, por causa de sua inconsciência, é incapaz de tomar uma decisão livre; é por isso que no grupo o psíquico atua como uma lei natural desenfreada. Desencadeia-se uma série de acontecimentos, ligados entre si por causa e efeito, que apenas cessará quando ocorrer à catástrofe. O povo sempre suspira por um herói, por um exterminador de dragão, quando pressente o perigo psíquico; daí provém o clamor pela personalidade.” (id. ibid. § 303).

No segundo momento do filme, urge a necessidade de Nelson em contatar com o arquétipo da sombra em detrimento de um desenvolvimento de sua personalidade. De acordo com o *Dicionário Junguiano*, o termo sombra é assumido com o significado específico do outro lado da personalidade, sendo esta uma unidade complexa dotada de vitalidade autônoma que é fundamentalmente o negativo de cada indivíduo, que o próprio homem pode apenas perceber sentimentalmente e intuitivamente; e por isso pode fazer experiência dela (Pieri, 2002:474).

Jung cita que “ sem haver necessidade, nada muda e menos ainda a personalidade humana. Ela é imensamente conservadora, para não dizer inerte. Só a necessidade mais premente consegue ativá-la. Do mesmo modo o desenvolvimento da personalidade não obedece a nenhum desejo, a nenhuma ordem, a nenhuma consideração, mas somente a necessidade; ela precisa ser motivada pela coação de acontecimentos internos e externos” (Jung, O.C. vol. XVII § 293). De acordo com Platão, na obra *A República*:

“Não é um gênio que vos escolherá, mas vós que escolhereis o gênio. O primeiro a quem a sorte couber, seja o primeiro a escolher uma vida a que ficará ligado pela necessidade. A virtude não tem senhor; a cada um a terá em maior ou menor grau, conforme a honrar ou a desonrar. A responsabilidade é de quem escolhe. O deus

é isento de culpa” (Platão, 2005:284).

Na Psicologia Analítica, compreende-se a necessidade como um “elemento regulador”, que enquanto tal é associável aos princípios de moral, mesmo se esta é distinguível em relação à sua “eficácia”, uma vez que “põe limites mais convincente” de toda necessidade expressa pela própria moral. O julgamento psíquico ao qual Nelson se defronta em tempo integral entre presente e passado, através das imagens permanentes do menino (Billy) sugere a necessidade de consciência para a escolha do futuro. Jung nos diz que a força para o desenvolvimento da personalidade não provém apenas da necessidade, que é motivo causador, mas também da decisão consciente e moral. (Pieri, 2002:336).

Em *Desenvolvimento da Personalidade*, Jung diz que a expressão “muitos os chamados e poucos os escolhidos é válida..., pois o desenvolvimento da personalidade, desde seu começo até a consciência completa, é um carisma e ao mesmo tempo uma maldição: como primeira consequência, o indivíduo de maneira consciente e inevitável, se separa da grande massa, que é indeterminada e inconsciente. Isto significa isolamento, e para indicá-lo não existe palavra mais consoladora”. Ainda acresce, “ o desenvolvimento da personalidade encerra mais do que o simples temor de algo monstruoso e anormal ou do isolamento, indica também: fidelidade à sua própria lei.” (Jung, O.C. vol. XVII § 294).

O Caminho da Integração:

Quando o Voltar implica no Encontro com o Si-Mesmo.

Nelson escolhe retornar à experiência de quase-morte, no intuito de resgatar com seu arquétipo da sombra (Billy), aspectos da personalidade que são inerentes a ele próprio. Inicialmente transparece o movimento psíquico do personagem quando ele mesmo é capaz de expor aos colegas a situação de seu trauma no passado, entrando em contato com o manancial de emoções que a própria experiência lhe causou.

Segundo Jung, a sombra exprime o peso ineludível do condicionamento humano que em cada indivíduo assume a forma de não poder deixar aquilo que se é, e a forma de não poder fazer aparecer aquilo que não se queria deixar aparecer. Através desta atitude defensiva frente aos conteúdos sombrios, evitando-se, portanto, fazer a aproximação compreensiva com os mesmos, o personagem adota uma postura de unilateralidade da visão de si próprio e das coisas.

Enfocando a sombra sob o significado de arquétipo, Jung pondera que a sombra é a estrutura ativada pela necessidade de relação dialógica entre a consciência e aquela certa parte psíquica que, embora inaceitável, para a consciência de um indivíduo específico, é, todavia sempre constitutiva do propriamente humano. Dessa forma entram a fazer parte da sombra arquetípica àquilo que pode ser definido como negatividade ética enquanto aspecto do “mal radical” e, junto a este, as pulsões instintivas, os aspectos arcaicos e indiferenciados, os aspectos irracionais e destrutivos do destino individual, as tendências contrárias ao cânon cultural historicamente dominante (Pieri, 2002:476).

Em decorrência da tensão dos opostos, incitado pelos aspectos sombrios e trazidos à consciência, o processo integrativo de Nelson acontece na medida em que o personagem evidencia sua luta e sua dor perante as conseqüências de seu ato, compreende a necessidade da aceitação dos mesmos e, finalmente, escolhe seu caminho para a integração desta experiência no si-mesmo, através da decisão de retornar à experiência de quase-morte. Portanto, sai da condição de uniteralidade para a totalidade, iniciando seu processo de individuação.

Numa perspectiva filosófica, a transformação acontece na medida em que os opostos são integrados, gerando o devir de Nelson, que consiste na liberdade de escolha em resgatar o passado para o presente e incluí-los nas escolhas futuras de seu próprio tempo. Segundo o mito de Er, é neste momento em que se unifica presente-passado-futuro, sinalizando a responsabilidade da escolha e da decisão perante a própria voz interior. Jung relata que:

“Somente pode tornar-se personalidade quem é capaz de dizer um “sim” consciente ao poder de destinação interior que se lhe apresenta; quem sucumbe diante dela fica entregue ao desenrolar cego dos acontecimentos e é aniquilado. O que cada personagem tem de grande e de salvador reside no fato de ela, por livre decisão, sacrificar-se à sua designação e traduzir conscientemente em sua realidade individual aquilo que, se fosse vivido inconscientemente pelo grupo, unicamente poderia conduzir à ruína.” (Jung, O.C. vol. XVII § 308).

A experiência da redenção, no caso do personagem, se expressa através do reviver a situação traumática do passado, bem como o retorno à vida presente, representados pela força e decisão da própria escolha. Jung ensina que não tem como fugir ao processo de decisão, dessa busca interior que chama a psique para realidade confrontando os opostos quando ressalva:

“Quem, por conseguinte, desejar encontrar uma resposta ao problema do mal, tal como é colocado hoje em dia, necessita em primeiro lugar de um conhecimento de si mesmo, isto é, de um conhecimento tão profundo quanto possível de sua totalidade. Deve saber, sem se poupar, a soma de atos vergonhosos e bons de que é capaz, sem considerar a primeira como ilusório ou a segunda como real. Ambas são verdadeiras como possibilidades e não poderá escapar a elas se quiser viver (como obviamente deveria), sem mentir a si mesmo e sem vangloriar-se.” (Jung, 2002:285).

Fazendo uma analogia ao filme apresentado, Linha Mortal, o personagem Nelson (Kiefer Sutherland) percorre todo esse caminho descrito acima. Numa atitude consciente ele escolhe retornar ao passado de sua vida atual, com o objetivo de realizar seu processo de individuação através do resgate com sua sombra e da aceitação do si-mesmo. Portanto, seguindo o percurso do mito, esse personagem é capaz de condensar passado, presente e

futuro, na medida em que sua alma transcende a consciência e percorre toda a trajetória de sua vida, estando em contato com as conseqüências de suas escolhas. Seu material inconsciente, cuja revelação consiste no arquétipo da sombra, interage e subsiste na medida em que o personagem em questão, mergulha em seu processo de individuação. Essa unificação presente-passado-futuro, descrito no mito de Er, associado à atemporalidade nos remete, inevitavelmente, a passagem de Jung quando descreve:

“Teme-se usar a expressão “eterno”; não posso, entretanto, descrever o que vivi senão como a beatitude de um estado intemporal, no qual presente, passado e futuro são um só. Tudo o que ocorre no tempo concentrava-se numa totalidade objetiva. Nada estava cindido no tempo e nem podia ser medido por conceitos temporais. Poder-se-ia, evocar o que fora vivido como um estado afetivo, no entanto inimaginável. Como representar o que vivi simultaneamente o ontem, o hoje e o amanhã? Havia o que ainda não começara, havia o mais claro presente e algo que já chegara ao fim e, no entanto, tudo era uma única coisa. O sentimento só poderia apreender uma soma, uma brilhante totalidade na qual está contida à espera do que vai começar, tanto quanto a surpresa do que acaba de ocorrer e a satisfação ou a decepção quanto ao resultado do que já passou. Um todo indescritível no qual estamos mergulhados e que, no entanto, podemos perceber com plena objetividade.” (Jung, 2002:258).

Kübler-Ross(2003:99) em seu livro *O Túnel e a Luz*, afirma que nestas experiências de quase-morte o esquecimento das visões pode ou não acontecer. Segundo a autora, que atualmente apresenta mais de 20 mil casos desta experiência, as pessoas que retornam e lembram dos acontecimentos, procuram tirar lições dela através de uma maior percepção sobre a responsabilidade do si-mesmo diante das escolhas efetuadas no decorrer da vida. Para a autora, “... nós, apenas nós, somos responsáveis pela soma total da nossa vida física”. Essa passagem literária remete inevitavelmente à Jung

quando relata em suas memórias, após sua experiência de quase-morte, o seguinte:

“... Parecia, com efeito, que atrás do horizonte cósmico haviam construído artificialmente um mundo de três dimensões no qual cada ser humano ocupava uma caixinha. E de agora em diante deveria de novo convencer-me que viver nesse mundo tinha algum valor! A vida e o mundo inteiro se me afigurava uma prisão e era imensamente irritante pensar que encontraria tudo na mesma ordem. Apenas experimentara a alegria de estar despojado de tudo e eis que de novo me sentia – como todos os outros homens – preso por fios dentro de uma caixinha.” (Jung, 2002:255).

Em pleno século XXI, diversas áreas vem se dedicando a estudar a experiência quase-morte, considerando objeto de pesquisa os depoimentos daqueles que passaram por coma profundo. Relatos são trazidos como viagem, sonho, grande vazio, saídas do corpo, entradas no túnel, um branco, um vácuo, um filme da própria vida, entre outros. No campo da Medicina, trabalhos como da Dra. Elisabeth Kübler-Ross nos mostra a realidade cotidiana das experiências de quase-morte nos leitos de hospitais. A autora nos remete a questão do despreparo humano ao se deparar com relatos que sugerem vida, após situações de morte cerebral e aliado a isso, revela em sua pesquisa de campo denominadores comuns acerca desse paradoxo vida-morte. Segundo seus depoimentos:

“O corpo que temos durante uma experiência quase-morte é uma forma muito temporária, criada pela energia psíquica para nos ajudar a tornar a experiência de quase-morte um reencontro agradável, e não uma experiência apavorante, ameaçadora e terrível... A morte não é assustadora. O problema é o que fazemos da vida.” (Kübler-Ross, 2003: 99).

No campo da Psicologia, o movimento que se instaura parece resgatar

essencialmente à integração dos conteúdos da própria natureza subjetiva, relegados ao longo da vida. Portanto, os conteúdos oriundos da experiência de quase-morte, parecem conduzir o ser humano à busca da própria compreensão da sua totalidade, envolvendo questionamentos de vida e de morte, e conseqüentemente, uma reavaliação das necessidades e responsabilidades de suas escolhas perante os movimentos que sua vida oferece. Cabe ressaltar, neste caso, as abordagens que se fundamentam na importância da espiritualidade em nossa cultura ocidental, bem como as contribuições da Psicologia Oriental.

Certamente o assunto não se esgota aqui. Percebe-se que em se tratando de vida após a morte, seja na experiência de quase-morte, seja nos princípios da filosofia platônica, entre outras tantas vertentes desta natureza, o tema acerca da imortalidade da alma sempre irá suscitar na mente humana perguntas sem respostas. Talvez Platão tenha razão quando cita em sua obra *A República*, o seguinte:

“... crendo que a alma é imortal e capaz de suportar todos os males e todos os bens, seguiremos sempre o caminho para o alto, e praticaremos por todas as formas a justiça com sabedoria, a fim de sermos caros a nós mesmos e aos deuses, enquanto permanecermos por aqui; e, depois de termos ganho os prêmios da justiça, como os vencedores dos jogos que andam em volta a recolher as prendas da multidão, tanto aqui como na viagem de mil anos...” (Platão, 2005:286).

E o velho Jung, em sua sabedoria alude tal pensamento platônico quando nos relata:

“Não estou certo de nada. Não tenho mesmo, para dizer a verdade, nenhuma convicção definitiva – a respeito do que quer que seja. Sei apenas que nasci e que existo; experimento o sentimento de ser levado pelas coisas. Existo à base de algo que não conheço. Apesar de toda a incerteza, sinto solidez do que existe e a continuidade do

meu ser, tal como sou" (Jung, 2002:310).

Referências Bibliográficas

JUNG, C. Gustav, 2006, *O Desenvolvimento da Personalidade*, Obras Completas XVII, Ed. Vozes, Rio de Janeiro.

JUNG, C. Gustav, 2006, *O Eu e o Inconsciente*, Obras Completas XVII/2, Ed. Vozes, Rio de Janeiro.

JUNG, C. Gustav, 2006, *Memórias Sonhos e Reflexões*, Ed. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.

JUNG, C. Gustav, 2002, *Cartas 1906-1945*, VOL.I , Ed. Vozes, Rio de Janeiro.

KÜBLER-ROSS, Elisabeth, 2003, *O Túnel e a Luz: Reflexões essenciais sobre a vida e a morte*, Ed. Verus, Campinas.

PIERI, P. Francesco, 2002, *Dicionário Junguiano*, Ed. Paulus, São Paulo.

PLATÃO, 2005, *A República*, Ed. Rideel, São Paulo.